

BENJAMIN MOSER

Clarice,
uma biografia

Tradução

José Geraldo Couto

Copyright © 2009 by Benjamin Moser
Venda proibida em Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor Leste,
Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Why this World

Capa
Kiko Farkas e Ana Lobo/ Máquina Estúdio

Foto de capa
Miller of Washington/ Acervo Clarice Lispector/ Instituto Moreira Salles

Foto da p. 1
Clarice Lispector por Claudia Andujar, 1961

Mapa
Sonia Vaz

Índice onomástico
Probo Poletti

Revisão
Marise Leal
Huendel Viana

Consultoria
George Schlesinger

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moser, Benjamin
Clarice, uma biografia / Benjamin Moser ; tradução
José Geraldo Couto — 1ª ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2017.

Título original : Why this World.
ISBN 978-85-359-2850-1

1. Escritores brasileiros – Biografia 2. Lispector, Clarice,
1925-1977 1. Título.

16-08964

CDD-928.699

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Biografia 938.699

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

Introdução: A Esfinge	13
1. <i>Fun vonen is a yid?</i>	19
2. Aquela coisa irracional.....	25
3. O pogrom básico	41
4. O nome perdido	51
5. Estátua da Liberdade.....	57
6. <i>Griene</i> Gringos.....	69
7. As histórias mágicas	84
8. Melodrama nacional	94
9. Só para loucos	102
10. Voando para o Rio.....	111
11. Deus agita as águas.....	129
12. Direto do zoológico.....	143
13. Furacão Clarice.....	155
14. Trampolim da vitória.....	166
15. Princesa di Napoli	175
16. A Sociedade das Sombras	188
17. Volume no cérebro	198
18. Cemitério de sensações	210

19. A estátua pública	221
20. A terceira experiência.....	228
21. Seus colares vazios.....	237
22. Mausoléu de mármore.....	249
23. O equilíbrio íntimo	261
24. Redenção pelo pecado.....	272
25. A pior tentação	285
26. Pertencer ao Brasil.....	297
27. Melhor que Borges	309
28. A barata.....	322
29. E a Revolução!	333
30. O ovo é branco mesmo	339
31. Um áspero cacto.....	345
32. Diálogos possíveis	350
33. Terror cultural	356
34. “Eu me humanizei”	364
35. Monstro sagrado	374
36. A história dos instantes que fogem	383
37. Expurgada.....	394
38. <i>Batuba jantiram lecoli?</i>	400
39. Galinha ao molho pardo.....	410
40. Pornografia.....	419
41. A bruxa	426
42. A coisa em si	432
43. Silêncio lispectoriano	439
44. Falando a partir do túmulo	448
45. Nossa Senhora da Boa Morte	453
Epílogo.....	468
Notas.....	471
Referências bibliográficas	527
Agradecimentos	537
Créditos das imagens	545
Índice onomástico.....	547

Limpa tuas vestes e, se possível, que todas as peças de roupa sejam brancas, pois isso ajuda a conduzir o coração ao temor de Deus e ao amor a Deus. Se é noite, acende muitas luzes, até que tudo fique claro. Toma então em tuas mãos a pena, tinta e uma mesa e lembra que estás destinado a servir a Deus na alegria do coração. Agora começa a combinar umas poucas ou muitas letras, a permutá-las e combiná-las até que teu coração se aqueça. Então atenta para os movimentos delas e para o que podes extrair delas ao movê-las. E quando sentires que teu coração já está aquecido e quando vires que pelas combinações de letras podes apreender novas coisas que por ti próprio ou pela tradição humana não terias como saber e quando portanto estiveres preparado para receber o influxo do poder divino que flui para o teu interior, então põe todo o teu pensamento mais verdadeiro a imaginar em teu coração o Nome e Seus anjos exaltados como se eles fossem seres humanos sentados, ou em pé, à tua frente.

Abraham Abulafia
1240-depois de 1290

Introdução

A Esfinge

Em 1946, a jovem escritora brasileira Clarice Lispector retornava do Rio de Janeiro para a Itália, onde seu marido servia como vice-cônsul em Nápoles. Ela viajara ao Brasil como mensageira diplomática, levando despachos para o ministro brasileiro das Relações Exteriores, mas, com as rotas habituais entre a Europa e a América do Sul ainda bloqueadas em função da guerra, sua viagem ao reencontro do marido seguia um itinerário nada convencional. Do Rio ela voou para Natal, dali para a base britânica na ilha Ascensão, no Atlântico Sul, em seguida para a base aérea norte-americana na Libéria, dali para as bases francesas em Rabat e Casablanca, e por fim para Roma, via Cairo e Atenas.

Antes de cada etapa ela teve algumas horas, ou dias, para espiar ao redor. No Cairo o cônsul brasileiro e sua esposa a convidaram para ir com eles a um cabaré, onde ficaram maravilhados com a exótica dança do ventre executada ao som da familiar melodia do sucesso do carnaval carioca de 1937: “Mamãe eu quero”, na voz de Carmen Miranda.

O Egito não a impressionou, conforme escreveu ao amigo Fernando Sabino:

Vi as pirâmides, a esfinge — um maometano leu minha sorte nas “areias do deserto” e disse que eu tinha coração puro... [...] Falar em esfinge, em pirâmides, em

piastras, tudo isso é de um mau gosto horrível. É quase uma falta de pudor viver no Cairo. O problema é sentir alguma coisa que não esteja prevista num guia.¹

Clarice Lispector nunca voltou ao Egito. Mas, muitos anos depois, lembrou sua breve excursão turística, quando, nas “areias do deserto”, encarou desafiadoramente ninguém menos que a própria Esfinge.

“Não a decifrei”, escreveu a orgulhosa e bela Clarice. “Mas ela também não me decifrou.”²

Quando morreu, em 1977, Clarice Lispector era uma das figuras míticas do Brasil, a Esfinge do Rio de Janeiro, uma mulher que fascinava os brasileiros praticamente desde a adolescência. “Ao vê-la, levei um choque”, disse o poeta Ferreira Gullar, lembrando o primeiro encontro entre os dois. “Seus olhos amendoados e verdes, as maçãs do rosto salientes, ela parecia uma loba — uma loba fascinante. [...] Imaginei que, se voltasse a vê-la, iria me apaixonar por ela.”³ “Há homens que nem em dez anos me esqueceram”, admitiu Clarice. “Há o poeta americano que ameaçou suicidar-se porque eu não correspondia...”⁴ O tradutor Gregory Rabassa recordava ter ficado “pasmado ao encontrar aquela pessoa rara, que era parecida com Marlene Dietrich e escrevia como Virginia Woolf”.⁵

No Brasil de hoje seu rosto sedutor adorna selos postais. Seu nome empresta classe a condomínios de luxo. Suas obras, muitas vezes rejeitadas como herméticas ou incompreensíveis quando ela era viva, são vendidas em distribuidores automáticos em estações de metrô. Na internet fervilham centenas de milhares de fãs, e é raro passar um mês sem que surja um livro examinando um ou outro aspecto de sua vida e obra. Basta o primeiro nome para identificá-la entre brasileiros instruídos, todos os quais, conforme notou uma editora espanhola, “conheceram-na, estiveram na sua casa e têm a contar alguma anedota a respeito dela, como os argentinos com Borges. Ou no mínimo foram ao enterro dela”.⁶

A escritora francesa Hélène Cixous declarou que Clarice Lispector era o que Kafka teria sido se fosse mulher, ou “se Rilke fosse uma judia brasileira nascida na Ucrânia. Se Rimbaud fosse mãe, se tivesse chegado aos cinquenta. Se Heidegger deixasse de ser alemão”.⁷ As tentativas de descrever essa mulher

indescritível volta e meia seguem essa linha, recorrendo aos superlativos, embora aqueles que a conheceram, em pessoa ou por seus livros, também insistam que o aspecto mais notável de sua personalidade, sua aura de mistério, escapa a toda descrição. “Clarice”, escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade quando ela morreu, “veio de um mistério, partiu para outro.”⁸

Seu ar indecifrável fascinava e inquietava todos os que a encontravam. Depois de sua morte, um amigo escreveu que

Clarice era uma estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. Criada desde menininha no Brasil, era tão brasileira quanto não importa quem. Clarice era estrangeira na Terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noite numa cidade desconhecida onde há greve geral de transportes.⁹

“Talvez seus amigos mais íntimos e os amigos desses amigos saibam alguma coisa sobre a sua vida”, escreveu um entrevistador em 1961. “De onde veio, onde nasceu, quantos anos tem, como vive. Mas ela não fala nunca sobre isso, pois é uma parte muito pessoal.”¹⁰ Ela deixava escapar pouquíssima coisa. Uma década depois, outro jornalista, frustrado, resumiu as respostas de Clarice a uma entrevista: “Não sei, não conheço, não ouvi dizer, não entendo do assunto, não é do meu domínio, é difícil explicar, não sei, não me considero, não ouvi, desconheço, não há, não creio.”¹¹ Um ano antes de sua morte, uma repórter que viera da Argentina tentou fazê-la se abrir. “Dizem que a senhora é evasiva, difícil, que não gosta de conversar. Não é o que me parece.” Clarice respondeu: “Obviamente eles estão certos”. Depois de extrair respostas monossilábicas, a repórter preencheu o silêncio com uma história sobre outro escritor.

Mas ela não disse nada. Nem sei se ela olhou para mim. Levantou-se e disse:

“Talvez eu vá a Buenos Aires neste inverno. Não se esqueça de levar o livro que eu lhe dei. Ali você encontrará material para o seu artigo.”

[Ela era] muito alta, de cabelo e pele castanha, [e] eu me lembro dela vestindo um longo vestido de seda marrom. Mas posso estar enganada. Quando saíamos, parei diante de um retrato a óleo do seu rosto.

“De Chirico”, disse ela antes que eu pudesse perguntar. E em seguida, no elevador: “Desculpe, não gosto de conversar”.¹²

Nesse vácuo de informações floresceu toda uma mitologia. Lendo relatos de diferentes momentos de sua vida, é difícil acreditar que se refiram à mesma pessoa.

Os pontos de discordância não são triviais. “Clarice Lispector” já chegou a ser considerado um pseudônimo, e seu nome original só foi conhecido depois de sua morte. Onde exatamente ela nasceu e quantos anos tinha também eram pontos pouco claros. Sua nacionalidade era questionada, e a identidade de sua língua nativa era obscura. Uma autoridade atestará que era de direita, e outra, que era comunista. Uma insistirá que era uma católica devota, embora na verdade fosse judia.

O que torna tão peculiar essa teia de contradições é que Clarice Lispector não é uma figura nebulosa, conhecida a partir de fragmentos de antigos papíros. Ela morreu há pouco mais de trinta anos. Muitas das pessoas que a conheceram bem ainda estão vivas. Foi alguém de destaque praticamente desde a adolescência, sua vida foi documentada à exaustão na imprensa, e deixou uma extensa correspondência.

Ainda assim, poucos grandes artistas modernos são, em essência, tão pouco familiares quanto ela. Como pode permanecer tão enigmática uma pessoa que viveu numa grande cidade do Ocidente, no meio do século xx, que deu entrevistas, morou em grandes prédios de apartamentos e viajou de avião?

Ela própria escreveu uma vez: “Sou tão misteriosa que não me entendo”.¹³

“Meu mistério”, insistiu em outro lugar, “é não ter mistério.”¹⁴ Clarice Lispector podia ser conversadora e acessível com a mesma frequência com que era silenciosa e incompreensível. Para desconcerto geral, insistia que era uma simples dona de casa, e aqueles que chegavam esperando encontrar uma Esfinje muitas vezes encontravam uma mãe judia oferecendo bolinhos e coca-cola. “Preciso de dinheiro”, ela disse a um jornalista. “A posição de um mito não é muito confortável.”¹⁵ Mais tarde, explicando por que desistira de dar entrevistas, disse: “Eles não iam entender uma Clarice Lispector que pinta as unhas dos pés de vermelho”.¹⁶

Mais do que qualquer coisa, queria ser respeitada como ser humano. Ficou mortificada quando Maria Bethânia se jogou a seus pés, exclamando: “Minha deusa!”¹⁷ “Ah!”, exclamou uma das protagonistas de Clarice, “era mais fácil

ser um santo que uma pessoa!”¹⁸ Num texto melancólico chamado “Perfil de um ser eleito”, ela descreve sua rebelião contra sua imagem: “Então ele tentou um trabalho subterrâneo de destruição da fotografia: fazia ou dizia coisas tão opostas à fotografia que esta se eriçava na gaveta. Sua esperança era tornar-se mais vivo que a fotografia. Mas o que aconteceu? Aconteceu que tudo o que o ser fazia só ia mesmo era retocar o retrato, enfeitá-lo”.¹⁹

A lenda era mais forte do que ela. Perto do final da vida, foi indagada sobre uma crítica impiedosa que saíra num jornal. “Fiquei meio aborrecida, mas depois passou. Se eu me encontrasse com ele a única coisa que eu diria é: Olha, quando você escrever sobre mim, Clarice, não é com dois s, é com c, viu?”²⁰

No entanto, ela nunca perdeu inteiramente a esperança de ser vista como uma pessoa real, e seus protestos contra sua própria mitologia emergem dos lugares mais inesperados. Num artigo de jornal que escreveu sobre — entre tantos assuntos possíveis — a nova capital, Brasília, aparece uma exclamação inesperada: “O monstro sagrado morreu: em seu lugar nasceu uma menina que era órfã de mãe”.²¹

“Fatos e pormenores me aborrecem”, escreveu, provavelmente incluindo os que envolviam seu próprio currículo. Ela fez o possível, na vida e na escrita, para apagá-los. Por outro lado, porém, poucas pessoas se expuseram tão completamente. Através das muitas facetas de sua obra — em romances, contos, cartas e textos jornalísticos, na esplêndida prosa — uma personalidade única é dissecada sem descanso e revelada de modo fascinante naquela que é talvez a maior autobiografia espiritual do século xx.

“Lado a lado com o desejo de defender a própria intimidade, há o desejo intenso de me confessar em público e não a um padre.”²² Seu tipo de confissão dizia respeito às verdades interiores que ela desvelou com esmero ao longo de uma vida de incessante meditação. É por esse motivo que Clarice Lispector sempre foi comparada mais com místicos e santos e menos com outros escritores. “Os romances de Clarice Lispector frequentemente nos fazem pensar na autobiografia de Santa Teresa”, escreveu o *Le Monde*.²³ A exemplo do leitor de Santa Teresa d’Ávila ou de San Juan de la Cruz, o leitor de Clarice Lispector vê uma alma virada pelo avesso.

Ela emergiu do mundo dos judeus da Europa Oriental, um mundo de

homens santos e milagres que já havia experimentado seus primeiros anúncios de danação. Trouxe a ardente vocação religiosa daquela sociedade agonizante para um novo mundo, um mundo em que Deus estava morto. Como Kafka, ela se desesperou; mas, à diferença de Kafka, acabou, de modo atormentado, bracejando em busca do Deus que a abandonara. Narrou sua busca em termos que, como os de Kafka, apontavam necessariamente para o mundo que ela deixara para trás, descrevendo a alma de uma mística judaica que sabe que Deus está morto, mas que, no tipo de paradoxo que perpassa toda a sua obra, está determinada a encontrá-Lo mesmo assim.

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Eis por que Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “eu sou vós mesmos”.²⁴

“Muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser ‘bio.’”²⁵ Mas mesmo um artista universal emerge de um contexto específico, e o contexto que produziu Clarice Lispector era inimaginável para a maioria dos brasileiros — ao menos, certamente, para seus leitores de classe média. Não admira que nunca falasse sobre ele. As raízes de Clarice, nascida a milhares de quilômetros do Brasil, em meio a uma horripilante guerra civil, com a mãe condenada à morte por um ato de indizível violência, eram inconcebivelmente pobres e brutais.

Ao chegar à adolescência ela parecia haver triunfado sobre suas origens, e pelo resto da vida evitou até mesmo a mais vaga menção a elas. Temia, talvez, que ninguém compreendesse. E assim fechou a boca, como um “monumento”, um “monstro sagrado”, amarrada a uma lenda que ela sabia que sobreviveria a ela, e que ela própria, de modo relutante e irônico, abraçou. Vinte e oito anos depois de seu primeiro encontro com a Esfinge, escreveu que estava pensando em fazer outra visita:

“Vou ver quem devora quem.”²⁶

1. *Fun vonen is a yid?*

“Clarice foi chamada de alienada, cerebral, ‘intimista’ e tediosa por críticos comunistas linha-dura. Só reagia quando ofendida pela estúpida acusação de que era estrangeira.”¹ “Sempre se indignou diante do fato de que havia quem relativizasse sua condição de brasileira”, escreveu sua amiga mais próxima. “Nascera na Rússia, é certo, mas aqui chegara aos dois meses de idade. Queria-se brasileira sob todos os aspectos.”² “Eu, enfim, sou brasileira”, ela declarou, “pronto e pronto.”³

Nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchetchelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchetchelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. Cheguei ao Brasil com *apenas dois meses de idade*.⁴

Embora tenha chegado ao país na primeira infância, Clarice Lispector sempre pareceu estrangeira a muitos brasileiros, não por causa de seu nascimento na Europa ou dos muitos anos que passou no exterior, mas por seu modo de falar. Ela ceceava, e seus *r* ásperos, guturais, davam-lhe um sotaque

estranho. “Não sou francesa”, explicou certa vez, pois soava assim. “Esse meu *err* é defeito de dicção: simplesmente tenho língua presa. Uma vez esclarecida minha brasilidade [...]”.⁵

Ela dizia que seu amigo Pedro Bloch, pioneiro da fonoaudiologia no Brasil, se oferecera para realizar uma operação que corrigiria o problema. Mas o dr. Bloch disse que a pronúncia dela era bastante natural para uma criança que tinha imitado a fala de seus pais estrangeiros: os *r* guturais, embora não o ceceo, eram comuns entre os filhos de imigrantes judeus no Brasil.⁶ Foi mediante treinamento, e não cirurgia, que o dr. Bloch conseguiu corrigir o problema. Mas apenas por um tempo.

Apesar de seus constantes desmentidos, ela teimava em não se livrar desse sinal imediatamente perceptível de sua condição estrangeira. Ela se debateria ao longo de toda a vida entre a necessidade de pertencer e a tenaz insistência em manter-se à parte.

Alguns meses depois de seu bem-sucedido tratamento, o dr. Bloch topou com Clarice. Notou que ela começara a usar seus velhos *r* de novo. Sua explicação era simples: “Devia-se a seu receio de perder suas características”.⁷

Não havia característica que Clarice Lispector mais quisesse perder do que o local de nascimento. Por essa razão, a despeito da língua que a prendia lá, a despeito da honestidade por vezes terrível de sua escrita, sua reputação é de ter sido um tanto mentirosa. Mentiras inocentes, como os poucos anos que tendia a subtrair de sua idade, são vistas como coqueterias de uma bela mulher. No entanto, quase todas as mentiras que contou tinham a ver com as circunstâncias de seu nascimento.

Em seus escritos publicados, Clarice estava mais preocupada com o sentido metafísico do seu nascimento do que com as reais circunstâncias topográficas dele. Ainda assim, essas circunstâncias a perseguiram. Em entrevistas, ela insistia que não sabia nada sobre o lugar de onde vinha. Nos anos 1960, deu uma entrevista ao escritor Renard Perez, a mais longa que jamais concedeu; o amável e cortês Perez certamente a deixou à vontade. Antes de publicar a matéria, ele a submeteu à aprovação de Clarice. A única objeção que ela fez foi à primeira frase: “Quando, logo após a Revolução, os Lispector decidiram emigrar da Rússia para a América...”. “Não foi logo após! Foi muitos, muitos

anos depois!”, protestou. Perez acatou, e a matéria publicada começava assim: “Quando os Lispector resolveram emigrar da Rússia para a América (isso muitos anos depois da Revolução)...”⁸

E ela mentia sobre a idade que tinha quando veio para o Brasil. Numa passagem já citada aqui, ela usa o itálico para enfatizar que tinha *apenas dois meses de idade* quando sua família desembarcou. Tinha mais de um ano, porém, como ela bem sabia. É uma pequena diferença — era muito nova, de todo modo, para se lembrar de qualquer outra pátria —, mas é estranha a sua insistência em rebaixar a idade até o mínimo verossímil. Por que se dar ao trabalho?

Não havia nada que Clarice Lispector desejasse mais do que reescrever a história de seu nascimento. Em anotações pessoais redigidas quando estava na casa dos trinta e morando fora do país, ela escreveu: “Eu estou voltando para o lugar de onde vim. O ideal seria ir até a cidadezinha na Rússia e nascer sob outras circunstâncias”. O pensamento lhe ocorreu quando estava quase caindo no sono. Sonhara que tinha sido banida da Rússia num julgamento público. Um homem diz que “só mulheres femininas eram permitidas na Rússia — e eu não era feminina”. Dois gestos a traíram inadvertidamente, explica o juiz: “1º: eu acendera meu próprio cigarro, mas uma mulher fica esperando com o cigarro até que o homem acenda. 2º: eu mesma tinha aproximado a cadeira da mesa, quando deveria esperar que ele fizesse isso para mim”⁹

Então foi proibida de retornar. Em seu segundo romance, talvez pensando no caráter definitivo de sua partida, ela escreveu: “O lugar onde ela nascera — surpreendia-se vagamente de que ele ainda existisse como se também ele pertencesse ao que se perde”¹⁰

Num romance baseado na emigração de sua família, Elisa Lispector, a irmã mais velha de Clarice, faz repetidamente a pergunta: *Fun vonen is a yid?* Literalmente, significa “De onde vem um judeu?”, e é o modo educado com que um falante de iídiche procura saber sobre a origem de outro. Ao longo de toda a sua vida, Clarice se esforçou para responder. “A questão da origem”, escreveu um crítico, “é tão obsessiva que em torno dela pode dizer-se que se enreda toda a prosa da autora.”¹¹

Nas fotografias, ela parece tudo, menos estrangeira. À vontade em casa na praia de Copacabana, ostentava a dramática maquiagem e as vistosas joias da

grande dame do Rio de sua época. Não há nenhum traço da miséria do gueto na mulher que desce as encostas da Suíça ou singra as águas do Grande Canal numa gôndola. Numa foto, Clarice aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960, que transformou sua autora numa das raríssimas negras a alcançar sucesso literário naquela época. Numa sociedade ainda sofrendo sob a herança de quase 400 anos de escravidão, onde a cor da pele estava fortemente vinculada à classe social, poucos adivinhariam que a loira Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, tivesse origens ainda mais miseráveis que as de Carolina.

No entanto, na vida real Clarice volta e meia dava a impressão de ser estrangeira. Os depoimentos frequentemente mencionam sua estranheza. Havia aquela fala estranha, aquele estranho sobrenome, tão incomum no Brasil que, quando saiu seu primeiro livro, um crítico fez referência àquele “nome estranho e até desagradável, pseudônimo sem dúvida”.¹² Especulou-se até sobre seu modo de se vestir; depois de se separar do marido, teria pouco dinheiro para renovar o guarda-roupa, e então vestiria roupas velhas, compradas no exterior, que durante anos lhe teriam dado um ar “estrangeiro, de fora da estação”.¹³

Sua singularidade perturbava as pessoas. “Acusam-na de alienada”, escreveu um crítico em 1969, “que trata motivos e temas estranhos à sua pátria, numa língua que lembra muito os escritores ingleses. Lustre não existe no Brasil, nem aquela cidade sitiada, que ninguém sabe onde fica.”¹⁴

(*O lustre* é o título de seu segundo romance; *A cidade sitiada*, do terceiro.)

“Minha cara deve estar com ar teimoso, com olho de estrangeira que não fala a língua do país”, ela escreveu.¹⁵ No entanto, o apego ao país que salvara sua família, onde passou sua vida, e cuja língua era o instrumento de sua arte, era natural e genuíno.

Mais digna de nota é a frequência com que *outros* insistem na ligação dela com o Brasil. Nunca se vê, por exemplo, alguém que escreve sobre Machado de Assis asseverar que ele era verdadeiramente brasileiro. Ao escrever sobre Clarice Lispector, essa asserção é quase inevitável. Os editores da série de livros populares Nossos Clássicos escolheram, como um dos dois únicos excertos do

livro de mais de quinhentas páginas de artigos de jornal de Clarice, uns poucos parágrafos curtos que ela escreveu em resposta a uma pergunta sobre sua nacionalidade. “Eu pertencço ao Brasil” foi a sua resposta.¹⁶

Nada menos que um terço da orelha de uma biografia é dedicada a insistir que ela era brasileira: “Essa marca de sua origem, no entanto, é o contrário do que ela se esforçou por viver e que esta biografia destaca a partir de uma vasta correspondência e dezenas de entrevistas: o Brasil era mais do que o seu país de adoção, era sua casa verdadeira”.¹⁷ No popular site de relacionamentos Orkut, a comunidade de Clarice Lispector, com mais de 210 mil membros, anunciava que é “uma comunidade dedicada à maior e mais intensa escritora BRASILEIRA de todos os tempos. Eu disse: BRASILEIRA”.

Desde o início, entretanto, os leitores compreenderam que ela era uma outsider. “Clarice Lispector”, escreve Carlos Mendes de Sousa, “é a primeira mais radical afirmação de um *não lugar* na literatura brasileira.”¹⁸ É, ao mesmo tempo, a maior escritora moderna do Brasil e, num sentido profundo, nem é uma escritora brasileira. O poeta Lêdo Ivo captou o paradoxo:

Não haverá, decerto, uma explicação tangível e aceitável para o mistério da linguagem e do estilo de Clarice Lispector. A estranheiridade de sua prosa é uma das evidências mais contundentes de nossa história literária e, ainda, da história de nossa língua. Essa prosa fronteira, emigratória e imigratória, não nos remete a nenhum dos nossos antecessores preclaros [...]. Dir-se-ia que ela, brasileira naturalizada, naturalizou uma língua.¹⁹

“A minha terra não me marcou em nada, a não ser pela herança sanguínea. Eu nunca pisei na Rússia”, disse Clarice Lispector.²⁰ Em público, ela se referiu a suas origens familiares não mais do que um punhado de vezes. Quando o fez, foi de maneira falsa ou vaga — “Eu perguntei a meu pai desde quando havia Lispector na Ucrânia. Ele disse que há gerações e gerações anteriores”.²¹ As referências à sua filiação étnica foram publicadas de forma tão esparsa que muitos imaginaram que ela se envergonhava dela.²²

Fun vonen is a yid? Não admira que desejasse reescrever a história de sua origem, no inverno de 1920, na *gubernia* [província] de Podólia, que até pouco tempo antes tinha sido parte do Império Russo e que hoje fica na parte sudoeste da República da Ucrânia. “Tenho certeza de que no berço a minha

primeira vontade foi a de pertencer”, ela escreveu. “*Por motivos que aqui não importam*, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém.”²³

O grifo é meu: ela nunca explicou tais razões. Mas o mínimo que se pode dizer sobre o tempo e o lugar de seu nascimento é que foram mal escolhidos. Mesmo na panóplia de assassinato, epidemia e morte que perpassa a história da Ucrânia, do saque mongol de Kiev, em 1240, à explosão nuclear em Tchernóbil, em 1986, o ano de 1920 se destaca como particularmente horripilante.

O pior ainda estava por vir: doze anos depois, Stálin começou a impor a fome sistemática aos camponeses do país, matando mais pessoas do que os mortos durante a Primeira Guerra Mundial, somadas as vítimas dos dois lados do conflito.²⁴ Nove anos depois disso, a invasão de Hitler matou 5,3 milhões de pessoas, um em cada seis habitantes.²⁵ “A Ucrânia ainda não está morta”, admira-se o hino nacional.

Nesse panorama sombrio, nem toda catástrofe pode ser devidamente lembrada. Mas, apesar de largamente esquecido hoje em dia, o que aconteceu com os judeus da Ucrânia na época do nascimento de Clarice Lispector foi um desastre em escala nunca antes imaginada. Talvez 250 mil tenham sido mortos: com exceção do Holocausto, foi o pior episódio de antissemitismo da história.

Em 1919, um escritor declarou que, durante a Primeira Guerra Mundial, “a ameaça aos judeus da Europa Oriental não era de sofrimento temporário ou da dizimação inevitável em tempo de guerra, mas de extermínio total, pelo planejado e rápido suplício de toda uma raça”.²⁶ Quando essa frase foi publicada, o escritor acreditava que o horror pertencia ao passado. O verdadeiro drama estava para começar.